

A IMAGEM DE SÃO BENTO PERTENCENTE AO ACERVO SACRO DO MUSEU MUNICIPAL PARQUE DA BARONESA, PELOTAS, RS.

Andréa Lacerda Bachettini

Doutoranda em Memória Social e Patrimônio Cultural pela UFPel, Mestre em História pela PUCRS, Especialista em Conservação e Restauro de Bens Culturais Móveis pelo CECOR – EBA/UFMG, Especialista em Patrimônio Cultural: Conservação de Artefatos pela UFPel.

Professora do Departamento de Museologia e Conservação e Restauro do Instituto de Ciências Humanas, UFPel, RS.

andreabachettini@gmail.com

Annelise Costa Montone

Doutoranda em Memória Social e Patrimônio Cultural pela UFPel, Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural pela UFPEL, Especialista em Preservação do Patrimônio Arquitetônico e Urbano pela UFPel, Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela UFPel.

Diretora do Museu Municipal Parque da Baronesa, Secretária Municipal de Cultura da Prefeitura de Pelotas, RS.

annelisemontone@gmail.com

Daniele Baltz da Fonseca

Doutoranda em Memória Social e Patrimônio Cultural pela UFPel, Mestre em Arquitetura e Urbanismo com ênfase em Conservação e Restauro de Monumentos pela UFBA, Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela UFPel.

Professora do Departamento de Museologia e Conservação e Restauro do Instituto de Ciências Humanas, UFPel, RS.

daniele_bf@hotmail.com

Fabiane Rodrigues de Moraes

Mestranda em Memória Social e Patrimônio Cultural pela UFPel, Conservadora e Restauradora de Bens Culturais Móveis pela UFPel.

Conservadora-restauradora do Museu Municipal Parque da Baronesa, Secretária Municipal de Cultura da Prefeitura de Pelotas.

Proprietária da empresa RM Conservação e Restauro de Bens Culturais Móveis.

fabiane.moraes@yahoo.com.br

Keli Cristina Scolari

Doutoranda em Memória Social e Patrimônio Cultural pela UFPel, Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural pela UFPEL, Especialista em Conservação e Restauro de Bens Culturais Móveis pelo CECOR – EBA/UFMG.

Restauradora de Bens Culturais Móveis da UFPEL.

keliscolari@yahoo.com.br

RESUMO

O presente trabalho apresenta o estudo da imagem de São Bento pertencente ao acervo sacro do Museu Municipal Parque da Baronesa, localizado na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul. A imagem pertencia à Capela de Santa Luzia do antigo Parque Pelotense, localizado no bairro Fragata na mesma cidade. O parque, também conhecido como Parque Souza Soares, era de propriedade de José Álvares Souza Soares, o Visconde de Souza Soares. O local não existe mais, a Capela de Santa Luzia foi demolida e parte de seu acervo foi doada pelos descendentes da família Souza Soares à Prefeitura Municipal de Pelotas, passando a fazer parte do acervo sacro do Museu da Baronesa, no ano de 1980.

Palavras-chaves: Arte sacra; São Bento; Fernando Caldas; Museu Municipal Parque da Baronesa (RS).

INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta o estudo da imagem de São Bento, em madeira policromada, doada pelos descendentes da família Souza Soares à Prefeitura de Pelotas¹ após o fechamento do Parque Pelotense ou Parque Souza Soares, passando assim a fazer parte do acervo sacro do Museu Municipal Parque da Baronesa.

O Museu Municipal Parque da Baronesa, está localizado na cidade de Pelotas, a cidade fica às margens do Canal São Gonçalo, que liga as Lagoas dos Patos e Mirim, no estado do Rio Grande do Sul, no extremo sul do Brasil, ocupando uma área de 1.609 km², estando localizada a 250 quilômetros de Porto Alegre, a capital do estado.

O museu possui um acervo composto por várias coleções, entre elas a coleção de peças Sacras, onde está a imagem de São Bento.

A imagem de São Bento faz parte do altar de Santa Luiza e fica localizada ao seu lado direito do altar, acompanhada das imagens de Santa Luzia, ao lado esquerdo, e do Cristo Crucificado, ao centro. As imagens foram esculpidas pelo escultor português Fernando Caldas, em seu atelier na cidade de Vila Nova de Gaia e policromadas pelo artesão Albino Barbosa.

O objetivo principal deste trabalho é desenvolver um estudo sobre a imagem sacra de São Bento, através da análise de sua documentação, de sua iconografia, da sua técnica construtiva, estado de conservação, e proposta de conservação.

A metodologia foi baseada na pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, análise formal, análise iconográfica, análise iconológica, entrevistas com descendentes da família Souza Soares, exames organolépticos para formação do suporte teórico que embasou a proposta de conservação e exposição da imagem.

Segundo a iconografia tradicional São Bento, veste cógula negra, numa das mãos traz o báculo abacial e na outra um livro. São seus atributos uma peneira quebrada e um corvo, trazendo no bico

¹ A Imagem de São Bento foi doada à Prefeitura de Pelotas na gestão do então prefeito Irajá Andara Rodrigues, no ano de 1980, juntamente com as demais esculturas sacras pertencentes ao Altar de Santa Luzia.

um pão envenenado. A imagem de São Bento, salvaguardada pelo museu, não apresentava mais o atributo corvo, pois esta peça em algum momento foi dissociada da imagem de São Bento e ficou na reserva técnica por alguns anos, junto aos objetos sem identificação. O corvo escapou de vários descartes, até que o altar de Santa Luzia e suas imagens passaram a ser estudados pelos pesquisadores do Curso de Conservação e Restauro, em parceria com os profissionais do museu.

O PARQUE PELOTENSE

O Parque Pelotense foi inaugurado em 2 de fevereiro de 1883, com uma área total de 20 mil metros quadrados. Mais tarde foi chamado de Parque Souza Soares, devido ao nome do seu proprietário. O Sr. Jose Álvares de Souza Soares (FIG.01), nasceu em 24 de fevereiro de 1846, na cidade de Vairão - Vila do Conde, era filho de pai médico e mãe farmacêutica. Seguindo a tradição familiar também se tornou farmacêutico, mas devido à morte de seus pais, e com poucos recursos, acabou decidindo morar no Brasil onde vivia seu irmão.



Figura 01 – Retrato de Jose Álvares de Souza Soares. Fonte: Família Souza Soares.

O Sr. José Álvares de Souza Soares fixou residência em Pelotas no ano de 1874. Trabalhou com a fabricação de remédios, dedicou-se com afinco aos estudos de botânica e química, criou a empresa Sociedade Medicinal Sousa Soares, tendo êxito e fazendo fortuna. Adquiriu grande área de terras, onde foi construído o Parque Pelotense, também conhecido como Parque Souza Soares.

O parque sofreu grande declínio depois que seu fundador transferiu residência para Portugal, em 1901, acompanhado de sua segunda esposa e de sete filhos menores, deixando seus dois filhos mais velhos à frente do empreendimento comercial.

O título de Visconde de Souza Soares Ihe foi concedido pelo rei D. Carlos I de Portugal no ano de 1904. O visconde faleceu em 1911. Seu filho Leopoldo Álvares de Souza Soares, que ficou à frente da parte comercial, juntamente com seu irmão Dr. Miguel de Sousa Soares, químico farmacêutico responsável pela parte de fabricação dos medicamentos, lutaram com grande dificuldade decorren-

te da situação do país após a Primeira Guerra Mundial, tendo ao mesmo tempo que arcar com grande parte do sustento da nova família do pai em Portugal.

Logo, os filhos ficariam ainda mais onerados com todos os encargos do negócio, chegando com dificuldade à década de 1950, quando houve a falência da firma. Na década de 1970, a propriedade foi partilhada entre os herdeiros. A maioria deles vendeu seus lotes ao mesmo comprador, que não manteve nada do que restava do parque. O novo dono procedeu a um loteamento de casas populares, hoje denominado Alameda Souza Soares, havendo ruas com nome dos seus descendentes. Com o loteamento do terreno do parque, a capela e as demais edificações foram demolidas. Este fato possivelmente determinou a ida dos objetos da capela para o museu. O acervo da capela foi doado pelos descendentes da família Souza Soares à Prefeitura de Pelotas, passando a fazer parte do acervo sacro do Museu da Baronesa, no ano de 1980. Desconhece-se a forma pela qual o altar chegou ao museu, pois, em documentos de 1983, este já constava como acervo, mas apenas em 1995, quando Luciana Renck Reis assumiu a direção do Museu da Baronesa, foi regularizada a situação do altar no museu.

A PROMESSA: A CONSTRUÇÃO DA CAPELA

José Álvares de Souza Soares, em agradecimento a sua recuperação a uma enfermidade dos olhos, mandou construir como pagamento a uma promessa feita, uma capela que foi dedicada a Santa Luzia. A capela (FIG. 02) foi inaugurada no dia 13 de dezembro de 1903, na data comemorativa à Santa Luzia. A capela foi construída pelos filhos do senhor José Souza Soares em pagamento a promessa feita pelo mesmo.



*Figura 02 – Imagem da Capela de Santa Luzia.
Fonte: Família Souza Soares.*



*Figura 03 – Imagem mostra o Altar de Santa Luzia no interior da Capela do Parque Pelotense.
Fonte: Carmen Reis.*

A escolha dos santos que compõem o altar de Santa Luzia (FIG.03) está ligada à história da família: Santa Luzia, relacionada com a visão, foi escolhida a padroeira da capela pelo pagamento da promessa; a escultura representando Jesus Crucificado por ser o centro da Igreja Católica; a imagem de São Bento se deu pelo fato de ser o Santo de devoção da família.

É interessante ressaltar que na cidade de Vairão, local de origem de José Alvarez de Souza Soares, existe um conjunto arquitetônico muito importante, que é composto pelo mosteiro de São Bento, pela Igreja de São Bento e pela capela de São João, possivelmente, aí está um dos motivos da devoção ao santo pela Família Souza Soares. Neste santuário em Portugal são celebradas romarias, festas em homenagem a estes santos e pagamento de promessas.

Segundo Dias (s/data, p. 237) “é por isso que o culto de S. Bento, além das festas litúrgicas, se caracteriza pelas romarias e promessas, maneira religiosa de ‘pagar’ ou satisfazer as promessas nos lugares onde é, popularmente venerado e não propriamente nos mosteiros”.

O autor Dias (s/data, p.237-238) se refere às promessas quando diz:

“Quanto às promessas, há a salientar a cada vez mais raro costume dos romeiros, agrupamentos de pessoas que, a cantar versos gratulatórios, acompanham algum miraculado à capela onde, com veste de promessa, vai agradecer ao santo:

“Ó S. Bento milagroso
Nós cá vimos a chegar.
Botai-nos a vossa bênção
lá de riba do altar!
Ò S. Bento milagroso,
Eu aqui vos venho ver
Por me dardes a saúde
Quando eu estava a morrer”.

Às vezes, o miraculado leva um ramo na boca para não quebrar a promessa de só falar quando tiver agradecido ao santo”.

As citações acima fornecem subsídios para justificar a devoção da família Souza Soares ao São Bento, cuja figura está presente até em seu brasão.

SOBRE O MUSEU DA BARONESA

O Museu Municipal Parque da Baronesa Museu (FIG.04) mais conhecido como Museu da Baronesa foi inaugurado em 25 de abril de 1982 e tombado pelo patrimônio histórico do município em 04 de julho de 1985. Tem seu prédio localizado em terreno também doado à prefeitura, pelos descendentes dos Barões de Três Serros (família Antunes Maciel), o terreno e os prédios foram doados para criação do museu e do parque como área de lazer para toda população.

Este museu possui em seu acervo peças das coleções da família Antunes Maciel, de Arte Sacra, de Adail Bento Costa, uma coleção da Sra. Antônia Sampaio e os demais objetos são provenientes de coleções doadas pela comunidade em geral. Estas coleções representam um pouco dos costumes e da maneira de viver, das famílias abastadas do século XIX. O Museu da Baronesa tem um recorte temporal no final do século XIX (1860-1900) e início do século XX (até a década de 30), época marcante no passado da cidade. Com uma tipologia diversa, contém diferentes tipologias de objetos, tais como: peças do mobiliário, vestimentas, acessórios de vestuário, objetos de uso cotidiano e de decoração.



Figura 04 - Museu Municipal Parque da Baronesa – Pelotas/RS. Fonte: Marcelo Madail.

No conjunto de peças sacras incluem-se: uma carruagem fúnebre preta, uma carruagem fúnebre branca, o altar de Santa Luzia em madeira dourada e policromada, 32 esculturas sacras, um genuflexório, uma bíblia, um quadro de madeira, 12 missais, seis tocheiros, dois cálices em madeira e duas placas em alto relevo em cerâmica.

Dentre as 32 esculturas sacras está imagem de São Bento, pertencente à Capela de Santa Luzia do antigo Parque Pelotense.

As imagens pertencentes ao altar de Santa Luzia estavam localizadas da seguinte maneira: a imagem de São Bento (FIG. 05) está localizada ao lado direito; a imagem de Santa Luzia ao lado esquerdo e a imagem do Cristo Crucificado ao centro. Estas foram esculpidas pelo artista português Fernando Caldas e policromadas pelo artesão Albino Barbosa e datam de 1901, na cidade de Vila Nova de Gaia. Todas as imagens possuem assinaturas, a assinatura do escultor Fernando Caldas esta em baixo relevo e o policromador Albino Barbosa assinou com tinta branca. O São Bento mede 1,36 x 56 x 33 cm.



Figura 05 – A imagem de São Bento na época da capela no Parque Souza Soares, onde é possível observar o pássaro.

SÃO BENTO

São Bento nasceu em Núrcia, na Itália, viveu como eremita nas montanhas do Subiaco a 64 quilômetros de Roma. Conforme Cunha (1993, p. 65), no monte Cassino, construiu o mosteiro da Ordem Beneditina. A regra da ordem instituiu o voto de estabilidade através do qual o monge se fixava a sua abadia, dedicando-se ao trabalho, ao ofício divino e à contemplação. O dia dedicado a São Bento é 21 de março ou 11 de julho.

Ainda Cunha (1993, p. 65) descreve iconograficamente esta imagem como um homem que veste uma cógula negra. Em uma das mãos traz o báculo abacial e, na outra um livro. São atributos do santo uma peneira quebrada e um corvo, trazendo no bico um pão envenenado.

Segundo Botelho (2009, p.55), São Bento “é santo beneditino, com o seu hábito negro, báculo e mitra nos pés. É possível que seja o próprio São Bento, segurando a regra, embora fosse mais habitual retratar o fundador desta ordem religiosa como um ancião”.

A imagem de São Bento do museu não apresentava mais o atributo corvo, esta peça, em algum momento, foi dissociada da imagem de São Bento e ficou na reserva técnica por alguns anos, junto aos objetos sem identificação, escapou de vários descartes, até que o altar de Santa Luzia e suas imagens passaram a ser estudados pelos pesquisadores. Com auxílio da imagem apresentada (FIG. 06) pode ser notada a falta do pássaro que se encontra à direita na parte inferior da primeira imagem.



Figura 06 – A imagem de São Bento no museu já sem o pássaro. Fonte: Fabiane Moraes (2012).

Ao analisar a fotografia (FIG.05) percebeu-se que a imagem de São Bento está completa, e que o pássaro que se encontrava na estante de achados e perdidos fazia parte da escultura.

Este fato é considerado uma dissociação, um dos dez agentes de degradação conforme colocado pelo Canadian Conservation Institute - CCI. A dissociação é o resultado da perda de objetos ou de dados relacionados a outros objetos.

Conforme Spinelli e Pedersolli (2010, p.29) “a dissociação refere-se à tendência natural, com o

passar do tempo, de desorganização de sistemas. Ela envolve a perda de objetos da coleção (dentro da própria instituição), a perda de dados e informações referentes aos objetos da coleção, e a perda da capacidade de recuperar ou associar objetos e informações”.

O objeto dissociado (pássaro) recebeu o mesmo número de tombo da imagem de São Bento, com acréscimo de mais um numeral configurando um desdobramento², mesmo tendo sido localizado, este ainda não se encontra junto da imagem, devido a peça estar solta e podendo ser roubada facilmente (FIG.07).



Figura 07 – A peça em seu lugar de origem. Fonte: Giovana Marcon, 2012.



Figura 08 – Imagem mostra o local para encaixe o pássaro, e o deslocamento do bloco do suporte de madeira. Fonte: Giovana Marcon, 2012.

A escultura em madeira de São Bento está em péssimo estado de conservação, apresentando sujidades generalizadas, abrasões, craquelês, fissuras, rachaduras, deslocamento dos blocos do suporte de madeira (FIG.08), ataque de insetos xilófagos e perdas da policromia.

Por último, considera-se que a carga simbólica das imagens que pertencem ao altar de Santa Luzia é grande, uma vez que o valor simbólico atribuído às imagens surge através da fé depositada sobre elas. Este fato é muito importante, pois inúmeros visitantes do museu pedem para tocar, fazer e pagar promessas diante das imagens, muitas vezes trazendo flores para enfeitar o altar.

Em relação à utilidade e significado dos objetos, Pomian em seu texto ‘Coleções’ apresenta três situações possíveis: 1) uma coisa tem apenas utilidade sem ter significado; 2) um semióforo tem apenas significado sem ter utilidade; 3) objetos que podem parecer ao mesmo tempo coisas e semióforos. Mas todos necessitam um observador que os atribui sentido. Portanto, um semióforo ascende à plenitude do seu ser semióforo quando se torna uma peça de celebração e, o mais importante, é que a utilidade e o significado são reciprocamente exclusivos: quanto mais carga de significado tem um objeto, menos utilidade tem, e vice-versa (POMIAN, 1984, p.72).

Também é importante ressaltar que o altar e a imaginária estando em ambiente museológico necessitam de cuidados em sua conservação, assim, a realização de missas e uso de peças do acervo sempre ficou a critério da direção da instituição. O altar era transferido no dia 13 de dezembro, dia de Santa Luzia, da sala de guarda para fora do museu (FIG. 09), para missas campais e no salão de festas.

² É uma parte que é separada da peça, mas, que compõe o mesmo objeto.



Figura 09 – Imagem mostra a realização de missa campal em frente à sede do Museu da Baronesa.

Fonte: Acervo do Museu da Baronesa, s/d.

Este é um aspecto que deve ser considerado na conservação destas imagens, que passaram a fazer parte do acervo do museu, tornando-se “objetos de museu”, receberam uma classificação e numeração, mas não perderam sua característica devocional.

CONCLUSÃO

Finalizando, a escultura de São Bento pertencente ao acervo sacro do Museu da Baronesa, juntamente com as demais esculturas: de Santa Luzia, do Cristo Crucificado e o altar de Santa Luzia são objetos de estudo dos professores, técnicos e pesquisadores da Universidade Federal de Pelotas e da equipe do Museu da Baronesa. Este trabalho cumpre papel importante na formação dos alunos envolvidos no projeto, oportunizando o ensino, a pesquisa e a extensão que são os pilares da UFPel. Desta forma, a universidade cumpre seu papel social e seu envolvimento com a comunidade local. O Museu da Baronesa ao permitir o acesso ao acervo, oportuniza a produção de conhecimento, assim melhorando sua comunicação com os visitantes e a conservação do seu acervo.

AGRADECIMENTOS

À equipe do Museu da Baronesa, à família Souza Soares pela disponibilidade em realizar as entrevistas e relatos e à cedência de documentos importantes para o levantamento histórico das obras que pertenciam à capela de Santa Luzia e ao Curso de Bacharelado em Conservação Restauração de Bens Culturais do ICH/UFPel.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOTELHO, Rejane. *Fotos Contam uma Historia de Portugal em Pelotas*. Ana Margarida Portela. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária, 2010.

BRAGA, Márcia (org.) *Conservação e Restauo: Madeira, Pintura Sobre Madeira, Douramento, Estuque, Azulejo, Mosaico*. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 2003.

BRANDLEY, Susan M. *Os Objetos têm Vida Finita?* S.Keene (org), Care of Collections Leicester reads in Museum Studies.

Londres: Routledge, 1994, p.51-59. In: MENDES, Marilka [ET AL] (org.). *Conservação: conceitos e praticas*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

CUNHA, Maria Jose de assunção da. *Iconografia Cristã*. Ouro Preto: Editora UFOP, 1993.

DIAS, Geraldo. J. A. Coelho. *O culto popular se S. Bento- uma forma de terapêutica religiosa*. Disponível em:< <http://letr.letas.up.pt/uploads/ficheiros/2239.pdf> >. Acesso em: 28 de janeiro 2016.

LORETO, Wanda Martins. *Iconografia Religiosa: Dicionário Prático de Identificação*. Rio de Janeiro: Pluri Edições, 2012.

MORAES, Fabiane Rodrigues. *Um Estudo sobre a Conservação do Altar de Santa Luzia*. (Monografia). Pelotas: Curso de Bacharelado em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis /ICH/UFPel, 2013.

NASCIMENTO, Heloisa Assumpção. *Nossa Cidade Era Assim- crônicas publicadas na imprensa nos anos de 1980 a 1987*. Pelotas: Editora Livraria Mundial,1989.

POMIAN, K. Coleção. In: *Enciclopédia Einaudi*, Memória-História. Lisboa: Imprensa Casa da Moeda, 1984.

PORTUGAL. Instituto Português de conservação e restauro. *Retábulo de Ferreira do Alentejo*. Lisboa: IPCR, D.L., 2004.

SOARES, Lana Mara Bender de Souza. *Museu da baronesa – Mobiliário*. Pelotas: s/Editora, s/data.

SOARES, Leonor Souza. *Um pouco sobre Leda*. Pelotas: Editora e gráfica Universitária, 2004.

SPINELLI, Jayme; PEDERSOLI JR., José Luiz. *Biblioteca Nacional: plano de gerenciamento de riscos: salvaguarda & emergência*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2010.